



GIL VICENTE

Semanário monarchico integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO C. MERCIO



VISITACÃO
*Pardiez! siete arrevelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes*
VÁQUEIRO

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua do Gil Vicente, 34 e 35—GUIMARÃES

“Oração dos Tempos,”

UM CASTELO ABANDONADO

Na parte mais elevada da cidade e naquele pequenino recanto que tanto e tanto nos recorda, encontra-se o Castelo de Guimarães, o *berço e a habitação* do nosso primeiro Rei.

Constituído primitivamente por uma simples torre de origem desconhecida, mas que se supõe ser romana, este Castelo era um pequenino torrão cheio de fé onde uma religiosa Condessa e todas as demais que ali viviam, de olhos e mãos postas dirigiam a Deus as suas piedosas e sentidas preces. Só Deus vivia ali junto daquelas freiras que retiradas do bojão do mundo, passavam todo o seu tempo entregues á oração e á crença. Viviam com Deus e para Deus. Extianhas ao mundo que quasi desconheciam entregavam-se á satisfação dos ideais alevantados que germinavam nos seus espiritos e lhes serviam de farol para a conduta da vida. Longe do mundo, e tendo como unico confidente aquele Deus Omnipotente, por amor de quem ali se haviam encerrado, ellas confortando um grande numero de necessitados que a fé daquele oratorio ali chamava. E enquanto a caridade daquele sequito religioso socorria e consolava aqueles desprovidos da sorte, era Deus invocado e convidado a presidir áquele acto cheio de religião, de moral e de amor. Só conheciam o bem e só o bem praticavam. Deus, só Deus ellas amavam!... E a sua crença era tão intensa, tão profunda, tão grande, que quando receberam a noticia de todos os assaltos cometidos pelos mouros que, combatidos por um chefe sem religião nem crença, devastam os terrenos cristãos e matavam os seus habitantes, aquelas freiras, recolhidas ao abrigo da sua cela, iam dizer a Deus, o seu unico confidente, o perigo que as ameaçava.

—Senhor! Meu Deus! Os infiéis avançam para nós. Socorrei-nos!

Deus ouve as suas preces chejas de fé e sinceridade e em troca dá-lhes coragem para pôrem em pratica um plano de resistencia ao ataque dos inimigos. Verificaram, então, aquellas religiosas a insuficiencia daquela torre, isto é, daquela oratorio para servir de forte aos soldados da legião cristã. E ao lado da torre primitiva, a maior de todas ellas, muitas outras se

erguem. Aquele *mosteiro* onde apenas Deus era lembrado a todos os momentos, encontra-se agora transformado num forte centro de defesa ao avanço das hostes infiéis.

Era, contudo, a mesma fé, a mesma crença e a mesma religião que animava aqueles portugueses doutros a combater e a lutar contra os que tentavam desprestigiar a religião de Jesus Cristo. E aquella primitiva torre onde tão somente reinava o sentimento religioso, vê nascer á sua volta muitas outras torres mais pequeninas do que ella que lhe veem trazer o amor da Patria.

Funda-se então o Castelo de Guimarães. A sua origem é religiosa e guerreira. Dali irmanou para o espirito do povo a necessidade do sentimento religioso ao florescimento, desenvolvimento e civilização do mesmo povo, razão porque todos rezavam e oravam momentos antes de partir para a guerra. E na parte mais acesa da peleja, na iminencia da derrota, quantos pensamentos se voltavam para Deus que, iluminando os seus espiritos bem intencionados, afastava para bem longe deles a derrota dando-lhes em troca a vitória heroica. E a mãe abandonada, a quem a guerra havia roubado o filho querido, o ente das suas entranhas, busca e encontra alivio para a sua dor junto de Jesus Cristo, que, na satisfação das suas supplicas, lhe envia o *filho heroi*.

—Mulher: aí tens teu filho. Já não é apenas filho; é, sim, filho e heroi.

E mãe e filho unidos um ao outro, caminham pela estrada tortuosa da vida, cheia de desgraça e miseria, abrindo toda a sua alma para conforto dos necessitados.

E' ainda essa mesma religião que faz nascer nas almas simples e maguadas o sentimento activo da caridade.

Depois de toda esta grande historia do Castelo de Guimarães, vem ainda o Conde D. Henrique estabelecer nele a sua residencia. Ali viveu juntamente com sua esposa naquella parte arruinada. Ali nasceu tambem seu filho D. Afonso Henrique, que fez aumentar e florescer a historia ja grandiosa do Castelo que depois de ter sido o centro de muitos sucessos religiosos, se transformara agora em teatro

de acontecimentos guerreiros. Cercado de ameias invulneraveis serviu de forte aos valentes e destemidos soldados portugueses que, cheios de coragem e de amor patrio, combatiam encarnadamente pela consolidação da Monarquia, a aspiração primaria de todos os nossos Reis até D. Dinis.

Assistiu ainda este Castelo aos amores de D. Tereza com o Conde Fernando Peres de Trava que originaram a Batalha de S. Mamede, junto a esta cidade. E', pois, o Castelo de Guimarães um pedaço de Historia Nacional contra o qual atenti o paiol da polvorá instalado numa pequenina Capela outrora dedicada a S. João Baptista. Anda, como já vimos, ligado á historia religiosa, amorosa e guerreira do nosso povo nos tempos primitivos.

E' esta a reza da Historia.

E como a Historia é o canto do passado, conclue-se que esse canto vem constituir a Oração dos Tempos. Oremos, pois.

E unidos pelo mesmo sentimento, caminhemos em romagem até junto do nosso Castelo, entoando um hino patriótico cuja letra seja o canto das glorias de Portugal.

Bento CALDAS.

Conde de Sabugosa

Acaba de desaparecer uma das mais nobres figuras da nossa vida aristocratica e literaria, o illustre Conde de Sabugosa.

Filho e neto de gentis-homens, tendo occupado as mais altas dignidades no Paço, o Conde de Sabugosa nunca deixou de ser um estudioso profundo, devotissimo aos progressos das letras, acompanhando como um homem do seu tempo todas as derradeiras escolas portuguesas.

Alma requintadamente artistica, lirico que trabalhava o verso com o esmero dum cinzelador, dando-lhe ao mesmo tempo o maior sentimento e acção, foi, porém, nos seus trabalhos de reconstrução das grandes figuras femininas do passado, que melhor afirmou as suas qualidades de poeta e os seus excepcionais dotes de literato.

«Gente d'Algo» e «Donas dos Tempos Idos» são constituídos por uma série de quaeros, que, apesar de escritos em prosa, só um grande poeta os poderia traçar, tal é o nalo de sentimento e de ternura que os envolve a todos eles. Os tipos de mulher mais belos da nossa historia, pela formosura, pelo amor, pela intelligencia, ou pelo patriotismo, resuscitam naquellas paginas e surgem diante dos nossos olhos com todas as seduções da sua existen-



PHEBUS MUNIZ

Ao Ex.^{ma} Snr. D. José Ferrão de Tavares e Tavora, illustre Director do «Gil Vicente», com a maior consideração e profundo respeito.

*Quando leio na Historia, acidamente,
O teu feito de grande patriota,
Sinto pulsar minh'alma, fortemente,
E encher-se duma fé que não se exgota!*

*Phebus Muniz! Oh simbolo vidente
Da Raça que venceu Aljubarrota!
Nunca hesitou tua palavra ardente
Ante o inimigo que nunca te derrota!...*

*Mas, em paga de tanta heroicidade,
Deram-te uma prisão triste e agourenta,
Onde morreste só, na obscuridade!*

*Contigo a tua Voz não se findou!
Porque foi Ella que inda triunfou
Na manhã de Seiscentos e quarenta!*

(Do livro inédito «PAZ DA LENDA E DO MISTERIO»)

Ruy Galvão de Carvalho.

cia na terra e todos os sentimentos e virtudes, que as tornaram famosas.

O Conde de Sabugosa tambem era um dos «Vencidos da Vida», grupo admiravel que se vai desfazendo e do qual só resta Junqueiro.

Os seus funerais, que se realizaram em Lisboa, constituiram uma imponentissima manifestação de sentimento e de pesar,

sendo o cadaver do nobre Conde acompanhado até ao Cimiterio por milhares e milhares de pessoas de todas as classes sociais.

Rogando a Deus pelo eterno descanso de quem em vida foi um modelo de virtudes e de excelsa bondade, respeitosa e enfiavamos á Ex.^{ma} Familia enlutada o nosso cartão de fundo pesar.

S. Cristóvão

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do n.º anterior)

De dia para dia a cidade inchava de habitantes e as suas casas altas de muitos andares invadiam já as hortas viçosas dos arrabaldes cujo pastoril socego ia sendo substituído pelos andaimes de novas edificações e de novas fabricas ruidosas e bulhentas.

E um luxo feito de vaidades e de ostentações espriava-se e exhibia-se numa vertigem infernal de fim do mundo. As casas de jogo e de prazer pingavam oiros dos tectos e das paredes; as tabernas e casas de comidas deslumbravam de cristais, de bronzes, de linhos e de lumes, e os salimbancos exhibiam-se de dia e de noite em palacios de maravilha onde todos os requintes de estilo e de côr embeveciam os olhos maguados dos lumes falsos da ribalta. E no entanto, um grande ar dorido de desolação e de cansaço corria na frente dos homens, no casario soturno das ruas, nas man-

chas esverdeadas dos monumentos e na rama crestada do enfezado arvoredos.

De dia para dia a cidade inchava de habitantes e de cada vez havia menos paz e menos pão. Porque procuravam então os homens a cidade e porque se lhe entregavam para sempre, abandonando a simplicidade e a fartura dos seus campos, a tranquillidade e a abundancia dos seus lares?

E a cidade foi inchando sempre para o alto e para os lados: tão extensa que semelhava um vasto oceano de calça alvadia, tão alta que as torres das velhas igrejas se humilhavam vendo os predios altos quasi tocarem o ceu com seus telhados desconformes.

Rapidamente se multiplicava a riqueza, mas assim como os bair-

